

Tertio Millenio Adveniente

Pe. José Artulino Besen
Reitor da Catedral Metropolitana
Professor de História da Igreja

INTRODUÇÃO

Assim como a encíclica *Ecclesiam Suam*, de 1963, apresentava o conteúdo programático do pontificado de PAULO VI (1963-1978), a celebração do ano 2000 da Encarnação do Verbo é uma chave para se entender a obra de JOÃO PAULO II (1978-.....). Suas três encíclicas trinitárias *Redemptor Hominis*, *Dives in Misericordia* e *Dominum et Vivificantem*, a encíclica mariana *Redemptoris Mater* e as três voltadas para o homem *Laborem Exercens*, *Sollicitudo Rei Socialis* e *Centesimus Annus*, adquirem uma lógica interna se confrontadas com o programa que o Papa estabeleceu para o Jubileu do ano 2000. Nelas há referências explícitas à celebração que ele propõe como a grande tarefa da Igreja nestes últimos anos do século XX. Esses documentos wojtylianos enfocam a Trindade, Maria e o homem, a mesma temática proposta para o triênio 1997-1999, preparatório do grande Jubileu.

No mesmo contexto devem ser situadas suas peregrinações pelo mundo: como missionário, levando o anúncio da fé cristã a todos os continentes; como peregrino da paz, pedindo perdão pelos pecados da Igreja e de seus homens perante a história, estendendo as mãos aos irmãos separados e aos seguidores de outras religiões. Tudo isso surge agora, de modo orgânico, na carta apostólica *Tertio Millenio Adveniente*.

Algumas características chamam a atenção neste Papa polonês, formado num catolicismo de resistência, nos sofrimentos de uma guerra mundial e na perseguição comunista: sua convicção exclusivista da verdade de Jesus Cristo, o único Mediador entre Deus e o homem, a ânsia missionária pessoal que nem sempre encontra seguidores na Igreja, a certeza de que o Cristianismo não foi ainda aceito por todos devido a seus pecados contra a unidade e contra dignidade da pessoa humana. A leitura dos acontecimentos históricos segue as pegadas do povo da antiga Aliança, e assim mostra seu espírito de profecia: após a vinda do Cristo, o Espírito conduz a história, cujos acontecimentos devem ser lidos a partir da Palavra de Deus (veja-se a interpretação que dá ao ministério dos últimos Papas, à queda do Muro de Berlim, às cisões eclesiais, nesta carta apostólica para o ano 2000).

JOÃO PAULO II não se deixa levar pelo pessimismo dominante quanto ao futuro da Igreja, cujas estatísticas revelam um decréscimo na adesão dos católicos a seus ensinamentos. Para ele isso significa não o esmorecimento mas a

retomada da evangelização, iniciando-se a tarefa com a conversão pessoal, a reconciliação e a busca da santidade.

Sua teologia é a de um missionário e catequista católico e não a de um humanista. Isso explica, em parte, seus conflitos com alguns teólogos, a seu ver concessivos demais ao pensamento filosófico e não sempre fiéis às Escrituras, que ele lê como missionário. Sabemos que um missionário, para formar uma comunidade entre os pagãos, tende a ter uma linguagem exclusivista: "Eu vos anuncio a verdade!" JOÃO PAULO II respeita todas as religiões, mas deixa claro que Cristo tem a resposta final e única para o homem (cf *Tertio Millenio Adveniente* e o comentário que faz ao judaísmo, ao budismo, ao islamismo, no seu livro-entrevista *Cruzando o limiar da Esperança*, de 1994): tudo na história fala do Cristo, prepara para o Cristo, que é a palavra final de Deus (cf Hb 1,1). Tudo prepara para o evento Cristo, "caminho, verdade e vida" (Jo 14,6).

JOÃO PAULO II tem muito mais a personalidade de um antigo Padre da Igreja, de um missionário dos tempos apostólicos. Nesse sentido, ele não é moderno, não se impressiona com a modernidade nem civil nem eclesial.

Creemos que a exposição da *Tertio Millenio Adveniente* esclarecerá melhor o que afirmamos. Iniciamos com um comentário sobre o *Pro-Memoria* enviado aos Cardeais por ocasião do Consistório e depois exporemos, resumidamente, a Carta Apostólica sobre o grande Jubileu do ano 2000.

O PRO-MEMORIA DE JOÃO PAULO II

Em preparação para a 5a. reunião plenária do Colégio Cardinalício (Consistório Extraordinário), acontecida em 13-14 de junho de 1994, JOÃO PAULO II enviou aos Cardeais um Pro-Memoria (*Reflexões sobre o Grande Jubileu do ano 2000*), consultando sobre possíveis programações para celebrar o Ano bi-milenar da Encarnação do Verbo. O Papa pedia um parecer sobre cinco pontos: 1) convocação de Sinodos para as Américas e a Ásia; 2) um Encontro com todas as denominações cristãs; 3) um Encontro com hebreus e muçulmanos; 4) uma atualização do martirologio; 5) um exame atento à história do segundo milênio, para reconhecer os erros cometidos pelos homens da Igreja e, em certo sentido, em nome dela.

O Pro-Memoria é obra pessoal do Papa, que em plenário reivindicou a autoria frente a alguns que achavam que a parte da revisão histórica era inserção de algum membro da Cúria.

O Encontro pan-cristão, os Sínodos e o novo Martirologio receberam o aplauso dos Cardeais, ficando para eles em segundo plano a revisão histórica e o pedido de perdão.

Assim se expressava o Papa:

1. O ENCONTRO PAN-CRISTÃO: Poderia o ano 2000 servir de ocasião para a celebração de algo como um Encontro pan-cristão? É uma questão para se refletir e pela qual rezar, eventualmente discutindo o tema com o Conselho Ecumênico das Igrejas e com o Grande Concílio das Igrejas ortodoxas, atualmente em preparação. De todo modo, cada um deve fazer o que está a seu alcance para que não se deixe passar o grande desafio do ano 2000.

Na sua relação durante o Consistório, o Cardeal CASSIDY adiantou alguma informação sobre a consulta ecumênica que precedeu a redação do documento. A proposta para que o Papa aceite fazer-se promotor de um evento ecumênico em Belém, para o Natal de 1999, veio do Conselho Metodista Mundial. Proposta análoga foi encaminhada pelo Conselho Ecumênico das Igrejas, enquanto que o Patriarca de Constantinopla, BARTOLOMEU I, expressou o desejo de que, para o ano 2000, as principais autoridades cristãs pronunciem juntas uma solene declaração em favor da busca da Unidade de todos os cristãos, baseada no Credo niceno-constantinopolitano.

2. O ENCONTRO COM HEBREUS E MUÇULMANOS: refere-se a um Encontro no monte Sinai, ao qual seriam convidados também os filhos de Israel e os muçulmanos. Em preparação para o ano 2000 seria oportuno retornar aos antigos caminhos ao longo dos quais Deus guiou Abraão e depois o povo da Aliança em direção a Cristo e ao mistério da Redenção.

3. O MARTIROLÓGIO CONTEMPORÂNEO: é a expressão usada pelo Papa na abertura do Consistório. É seu desejo que o Martirologio adquira uma dimensão ecumênica e mostre que, ao término do segundo milênio a Igreja novamente tornou-se uma Igreja de mártires. O Papa refere-se também à necessidade de se estudar um método melhor para a constatação da santidade das pessoas que em nosso tempo vivem a verdade de Cristo, especialmente no que se refere aos santos leigos, que vivem a santidade no seu matrimônio.

O Papa defendeu-se da acusação de que estaria realizando beatificações e canonizações em demasia. Para ele, isto retrata a vitalidade das Igrejas, especialmente das jovens Igrejas, que têm uma necessidade particular do sinal da santidade.

4. EXAME DA HISTÓRIA DA IGREJA NO ÚLTIMO MILÊNIO: foi a proposta melhor acolhida pela imprensa e que mais reticências despertou nos Cardeais. É uma idéia pessoalíssima do Papa. A ele JOÃO PAULO II dedica o parágrafo 7o. do Pro-Memoria, intitulado "Reconciliação e Penitência": *Enquanto chega ao final o segundo milênio do Cristianismo, a Igreja deve*

tomar consciência, com uma lucidez mais profunda, de quanto os seus fiéis se demonstraram, ao longo da história, infiéis, pecando nos confrontos de Cristo e do seu Evangelho.

Lembrando o que aconteceu com GALILEU, o Papa enumerou alguns aspectos da história do segundo milênio: problemas com respeito à justa autonomia das ciências, as violências perpetradas em nome da fé, as guerras religiosas, os tribunais da Inquisição e outras violações dos direitos da pessoa. *É necessário que também a Igreja, à luz do Vaticano II, reveja, por iniciativa própria, os aspectos obscuros da sua história, avaliando-os à luz do Evangelho. Poderia ser uma graça para o próximo Jubileu. Isto não acarretaria nenhum prejuízo ao prestígio moral da Igreja o qual, pelo contrário, sairá mais fortalecido pelo testemunho de lealdade e de coragem em reconhecer os erros cometidos pelos seus filhos e, em certo sentido, em seu nome.*

Para o Cardeal CASSIDY, isso significará uma apresentação objetiva da história, mesmo quando não favoreça a Instituição. Segundo o Papa, no discurso de abertura, *somente o reconhecimento corajoso das culpas e também das omissões das quais os cristãos de certo modo são responsáveis, como também o generoso propósito de remediá-las com o auxílio de Deus, podem dar um impulso eficaz à "nova evangelização" e tornar mais fácil o caminho da unidade.... Não podemos apresentar-nos diante de Cristo assim divididos como nos encontramos neste segundo milênio. Estas divisões devem ceder o passo à reaproximação e à concórdia, para que sejam saradas as feridas no caminho da unidade dos cristãos.*

Este ponto foi o que mais trouxe dúvidas aos Cardeais: não seria entrar num processo sem fim, tendo a experiência de que o "caso GALILEU" durou 10 anos (1982-1992)? Não seria melhor um exame apenas da história atual, da qual somos nós os protagonistas e que podemos revisar agora? (Aqui aparece uma influência conservadora: "os piores males" não têm origem numa "incorreta aplicação do Concílio"?). Não seria melhor dar uma impostação cristológica, ao invés da eclesiológica, preferida pelo Papa? Não haveria o risco de se cair em anacronismos (ler o passado com os olhos de hoje)? A verdade é que WOJTYLA manteve-se firme na sua escolha, inserida na *Tertio Millenio*.

Todos os temas relacionados no Pro-Memoria são depois ampliados e confirmados pelo Papa na sua Carta Apostólica. O Papa não voltou atrás em seus propósitos, tendo consciência de que a grande celebração do Jubileu deverá ser assumida por ele, o grande peregrino de Jesus Cristo que, no dia de sua entronização caminhava na Praça de São Pedro com a cruz, exclamando: *Povos do mundo, não tenhais medo de Cristo, abri as portas ao Redentor!* Os Cardeais pareceram mostrar uma razoável preocupação com a instituição eclesial, enquanto JOÃO PAULO II está preocupado com o Cristianismo, o Ecumenismo, o encontro do mundo inteiro com Jesus Cristo. Enfim, é um Papa missionário.

"É necessário que a Igreja, à luz do Vaticano II, reveja, por iniciativa própria, os aspectos obscuros da sua história"

Nota: Os números entre parênteses indicam a numeração do texto

1. Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre (Hb 13,8) (nn. 1-8)

Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher (Gl 4,4). A plenitude dos tempos se identifica com o mistério da Encarnação do Verbo, Filho consubstancial do Pai. O Verbo Encarnado é o único Mediador entre Deus e os homens (1Tm 2,5) e não há outro Nome pelo qual possamos ser salvos (At 4,12).

*"Em Jesus,
Deus não só
fala ao homem,
como também
o procura"*

O Deus que se revelou na história do povo eleito revela-se plenamente em Seu Filho, que não fala apenas em nome de Deus, como os profetas: é o próprio Deus que fala através de Seu Verbo eterno. É este o ponto essencial que diferencia o Cristianismo das outras religiões: nessas, o homem vai ao encontro de Deus; no Cristianismo, é o próprio Deus que pessoalmente vem ao encontro do homem. Estamos no mistério da graça. Em Cristo a religião não é mais *buscar a Deus como às apalpadelas* (cf At 17,27), mas *resposta de fé a Deus que se revela*: nessa resposta o homem fala a Deus como a seu Criador e Pai.

Em Jesus, Deus não só fala ao homem, como também o procura: procura-o, porque o homem se desviou dele a partir de Adão. Deus procura o ser humano para derrotar o mal: isto é a Redenção. A religião da Encarnação é a religião da redenção pelo sacrifício de Cristo, do permanecer no íntimo de Deus, do participar da Sua própria vida.

Somos introduzidos em tais profundidades do sacrifício de Cristo pelo Espírito Santo, que perscruta as profundidades de Deus (cf 1Cor 2,10).

2. O Jubileu do ano 2000 (nn. 9-16)

Com a Encarnação, Deus penetrou no tempo: a eternidade penetrou no tempo histórico, permitindo ao homem penetrar na eternidade através do Cristo.

No Cristianismo, o tempo tem importância fundamental: dentro dele foi criado o mundo, aconteceu a história da salvação culminada com a Encarnação. *Em Cristo, Verbo encarnado, o tempo se transforma numa dimensão de Deus*, que em si mesmo é eterno. Com Cristo têm início os *últimos tempos* (cf Hb 1,2), a *última hora* (cf 1Jo 2,18), tem início o tempo da Igreja, que durará até a *Parusia*.

Desta ligação de Deus com o tempo nasce a obrigação de santificar o tempo: são-lhe dedicados dias, ou semanas, tempos especiais. Na Vigília Pascal, gravam-se no Círio os símbolos do Cristo *ontem e hoje, principio e fim, alfa e ômega*: Cristo é o Senhor do tempo, principio e cumprimen-

to. A Igreja vive e celebra a liturgia no espaço de um ano, o *ano litúrgico*.

Com o mesmo intuito de santificar o tempo, já no Antigo Testamento se celebram os **jubileus**, tempos particulares dedicados a Deus e nos quais realizavam-se obras de conversão e justiça (cf Ex 23,10-11; Lv 25,1-28; Dt 15,1-6). Na sinagoga de Nazaré, Cristo se apresenta como o **grande jubileu de Deus** (cf Lc 4,16-30), realizando na sua pessoa todos os jubileus.

Na vida das pessoas, individualmente consideradas, os jubileus estão ligados às datas de nascimento, batismo, crisma, primeira comunhão, ordenações e matrimônio. Temos os jubileus de 25, 50, 60 anos, anos de graça particular para os que recordam a recepção dos sacramentos.

O mesmo se aplica às comunidades e às instituições: centenário, milênio de fundação de cidades, paróquias, dioceses.

Com esse pano de fundo, o ano 2000 do nascimento do Cristo representa um **jubileu extraordinariamente grande** não só para os cristãos, mas também para toda a humanidade, tendo em vista que o evento Cristo marcou definitivamente a história humana, tornando-se centro do calendário gregoriano, hoje universalmente utilizado.

A palavra *jubileu* indica alegria, interna e externa. A Igreja se alegra pela salvação, rende graças, pede perdão, apresenta súplicas ao Senhor da história e das consciências humanas.

A grande súplica do Jubileu será *pela unidade dos cristãos*, tendo claro que "nada é impossível para Deus" (cf Lc 1,37).

3. A preparação para o Grande Jubileu (nn. 17-28)

Todo Jubileu é preparado na história da Igreja pela Divina Providência. JOÃO PAULO II vê sinais claros desta Providência em determinados acontecimentos deste século: o Concílio Ecumênico do Vaticano II (1962-1965), os Sinodos dos Bispos, o ministério do Bispo de Roma a partir de São Pio X ("*Restaurar tudo em Cristo*"), Bento XV (a tragédia da primeira Guerra Mundial), Pio XI (o enfrentamento dos totalitarismos), Pio XII (a segunda Guerra Mundial e a reconstrução). No campo da doutrina social, Leão XIII (*Rerum Novarum*, 1891), Pio XI (*Quadragesimo Anno*, 1931), João XXIII (*Mater et Magistra*, 1961 e *Pacem in Terris*, 1963), Paulo VI (*Populorum Progressio*, 1967 e *Octogesima Adveniens*, 1971), João Paulo II (*Laborem Exercens*, 1981, *Sollicitudo Rei Socialis*, 1987, e *Centesimus Annus*, 1991).

Seu pontificado, desde o início, fala de modo explícito do grande Jubileu, convidando a viver o período *como um novo advento (Redemptor Hominis, n.1)*. O próprio Papa escreve que o ano 2000 é quase uma chave hermenêutica de seu pontificado. Não vê a data com espírito milenarista, mas como ocasião propícia para *suscitar uma particular sensibilidade a tudo o que o Espírito diz à Igreja e às igrejas* (cf Ap 2,7ss).

As peregrinações papais são outro fator importante na concretização do Vaticano II. Tiveram início com a peregrinação de JOÃO XXIII a Loreto e Assis (1962), continuaram com PAULO VI, sobretudo na Terra Santa, em 1964,

encontrando-se ele depois com populações de diversos continentes.

JOÃO PAULO II ampliou o programa das viagens apostólicas, iniciadas com a peregrinação ao México (Puebla, 1979) e tornadas depois sistemáticas, atingindo as igrejas particulares de todos os continentes, com uma atenção especial *para o desenvolvimento das relações ecumênicas* com os cristãos das diversas confissões: Turquia, 1979, Alemanha, 1980, Inglaterra, Gales e Escócia, 1982, Suíça, 1984, Escandinávia, 1989, Países Bálticos, 1993. Nos seus planos presentes: Serajevo, Líbano, Jerusalém e Terra Santa.

Seria muito eloquente se, por ocasião do ano 2000, ele pudesse visitar os lugares que se encontram no caminho do povo de Deus da Antiga Aliança, a partir dos lugares de Abraão e de Moisés, através do Egito e do monte Sinai, até Damasco, cidade testemunha da conversão do apóstolo Paulo.

As igrejas particulares também celebraram jubileus significativos, que se colocam na preparação para o ano 2000: o milênio do batismo da Rus (1988), os 500 anos da evangelização da América (1992), o milênio do batismo da Polónia (1966) e da Hungria (1968), os 600 anos do batismo da Lituânia (1987), os 1500 anos do batismo de Clóvis, rei

dos francos (1996), os 1400 anos da chegada de Agostinho a Cantuária, na Inglaterra (1997).

E continua: 7º centenário da evangelização da China (1994), 400 anos da sé metropolitana das Filipinas (1995), 1650 anos da sagração de São Frumêncio, da Etiópia (1993), 500 anos da primeira evangelização do Congo (1991). Fora isso, toda a corrente

evangelizatória das Igrejas orientais. Tudo é convite para um encontro com o rio da revelação, do Cristianismo e da Igreja, que há dois mil anos percorre a história da humanidade a partir do evento de Nazaré.

Na mesma perspectiva situam-se os últimos *anos santos*: o de Paulo VI em 1975, o ano santo da Redenção em 1983, o ano mariano de 1987-1988, este último quase uma antecipação do Jubileu do ano 2000. Para o Papa, o ano mariano precedeu os acontecimentos de 1989, o fim da guerra fria, do comunismo: *Podia-se, de resto, perceber que, na trama do que aconteceu, agia com solicitude materna a mão invisível da Providência: pode acaso a mãe esquecer-se do filho* (cf Is 49,15)?

O ano da família, em 1994, foi mais uma etapa significativa da preparação para o grande Jubileu: é através da família de Nazaré que o Filho de Deus entrou na história humana.

4. A preparação imediata

O Consistório ofereceu algumas pistas: uma fase preparatória de sensibilização dos fiéis e a fase propriamente preparatória, reservada para os três últimos anos.

A. Primeira fase (nn. 29-38)

É reservada para que o povo cristão tome consciência do valor e do significado do Jubileu do ano 2000: uma meditação essencialmente cristológica, unindo memória e sacramento (tornar presente o evento salvífico mediante a atualização sacramental). O evento deve confirmar os fiéis na fé - em Deus revelado em Cristo, na esperança - da vida eterna, e reavivar a caridade - no empenho do serviço aos irmãos.

A. 1 - O Jubileu deve ser um grande hino de louvor e de agradecimento pelo dom da Encarnação do Filho de Deus e pela redenção por Ele operada. Um hino de agradecimento pelo dom da Igreja, pelos frutos de santidade nela nascidos, de alegria pela remissão das culpas, de júbilo pela conversão.

A. 2 - Revisão da história do segundo milênio: Convite à penitência. Chegando ao terceiro milênio, a Igreja deve reconhecer o pecado de seus filhos no arco de sua história. Mesmo sendo santa, a Igreja reconhece como seus os filhos pecadores. Tomar consciência dos últimos 10 séculos: purificar-se, pelo arrependimento, dos erros, infidelidades, incoerências, atrasos. Reconhecer os erros é ato de lealdade que ajuda a reforçar a fé.

A. 2.1 - Pecados contra a unidade

Entre os grandes pecados estão aqueles que prejudicaram a unidade querida por Deus para seu povo. No último milênio, a comunhão eclesial conheceu lacerações que contradizem a vontade de Cristo e escandalizam o mundo. Tais pecados ainda hoje fazem sentir o seu peso: é necessário corrigir-se e com força pedir perdão a Cristo.

Pedir ao Espírito Santo a **graça da unidade**. Ao aproximar-se o 3o. milênio, realizar um oportuno exame de consciência para que no grande Jubileu nos possamos apresentar, se não todos unidos, *ao menos muito mais próximos de superar as divisões do 2o. milênio*. Prosseguir no diálogo doutrinal e na oração ecumênica.

A. 2.2 - Pecados contra a tolerância

Um exame de consciência pelos métodos de intolerância e até de violência cometidos no pretense serviço à verdade. O arrependimento e o pedido de perdão ajudarão a não mais se cair na tentação da violência.

A. 2.3 - Pecados no mundo moderno

Um exame de consciência pelos pecados da Igreja do presente, pelas responsabilidades que os cristãos têm no confronto com os males do nosso tempo: a indiferença religiosa,

"Ao término do segundo milênio, a Igreja novamente se tornou Igreja dos Mártires"

as incertezas na retidão teológica da fé, a falta de discernimento frente às violações dos direitos humanos, a responsabilidade dos cristãos frente às graves formas de injustiça e marginalização social.

A. 2.4 - Pecados contra o espírito conciliar

Um exame de consciência perante a aplicação do Concílio, especialmente no tocante à *Dei Verbum* (foi a Palavra de Deus efetivamente inspiradora da teologia?), à *Lumen Gentium* (criou-se uma eclesiologia de comunhão ou se caiu na tentação do sociologismo, do democratismo?), à *Sacrosanctum Concilium* (viveu-se a liturgia realmente como fonte e cume da vida eclesial?).

A. 3 - O Martirologio contemporâneo

A Igreja do primeiro milênio nasceu do sangue dos mártires. Ao término do segundo milênio, a Igreja novamente se tornou *Igreja de mártires*. As perseguições aos crentes - sacerdotes, religiosos e leigos - realizou uma grande sementeira de mártires. O martírio pelo derramamento de sangue tornou-se patrimônio comum dos católicos, ortodoxos, anglicanos, protestantes.

Nos primeiros séculos a Igreja esforçou-se por fixar nos martirologios o testemunho dos mártires. Em nossa época é necessário *que as Igrejas façam de tudo para não deixar morrer a memória de quantos sofreram o martírio. O ecumenismo dos santos é talvez mais convincente.*

O Papa lembra que multiplicou as canonizações e beatificações que manifestam a vitalidade das igrejas locais. Será tarefa da Sé Apostólica, na perspectiva do 3o. milênio, *atualizar os martirologios* para a igreja universal. Esforço, também, para reconhecer a santidade dos que viveram sua fé no matrimônio.

A. 4 - Os Sinodos continentais

Realizar Sinodos de caráter continental, como os já feitos na Europa e na Ásia: **um para a Ásia**, pátria das mais antigas religiões, onde faltou um encontro do Cristianismo com as antiquíssimas religiões (budismo e hinduísmo) e culturas do Oriente, e **outro para as Américas**, sobre a problemática da nova evangelização e os temas da justiça e das relações econômicas internacionais. **Para a Oceania** seria oportuno um Sinodo regional, pois lá se localiza muito da pré-história do gênero humano, sobre o encontro do Cristianismo com suas antiquíssimas formas de religiosidade, significativamente caracterizadas por uma orientação monoteísta.

B. Segunda fase

É a fase propriamente preparatória, a ser realizada durante três anos. A estrutura para esta fase, *centrada em Cristo*, Filho de Deus feito homem, só poderia ser teológica, isto é, *trinitária*.

B. 1 - Primeiro ano, 1997: Jesus Cristo (nn. 40-43) Será dedicado à reflexão sobre Jesus Cristo e sua Encarnação, acentuando o caráter cristológico do Jubileu. Conteúdos cristológicos: a redescoberta do Cristo salvador e evangelizador, com referência particular ao capítulo 4o. de Lucas. Renovado interesse pela Bíblia, para se conhecer melhor a identidade de Jesus Cristo.

O empenho pela atualização sacramental deve levar, no decorrer do ano, à redescoberta do **Batismo** e da virtude teológica da **Fé**. Do ponto de vista ecumênico, será um ano importante para se voltar os olhos para o Cristo. Levar todos a um reavivamento da fé e do testemunho cristão, suscitando um verdadeiro desejo de santidade, forte desejo de conversão e renovação pessoal num clima de piedade e de abertura ao próximo, especialmente ao mais necessitado. Enfim, meditando sobre a Encarnação, ter presente **Maria**, que gerou o Salvador, modelo de fé vivida.

B. 2 - Segundo ano, 1998: o Espírito Santo (nn. 44-48) O segundo ano será dedicado ao Espírito Santo e a sua presença santificadora na comunidade cristã. *O grande Jubileu do 2o. milênio terá um caráter pneumatológico*, pois o mistério da Encarnação se completou por obra do Espírito Santo (cf. *Dominum et Vivificantem*, n. 50)

Conteúdo: a redescoberta da presença e da ação do Espírito Santo. Sacramento: a **Confirmação**, e virtude teológica: a **Esperança**, numa perspectiva escatológica. Renovar nos cristãos a esperança no advento definitivo do Reino de Deus. A reflexão dos fieis deverá convergir para o valor da unidade no interior da Igreja, a qual tendem os diversos dons e carismas nela suscitados pelo Espírito, unidade garantida pelo ministério apostólico e sustentada pelo amor recíproco. Durante o ano, meditar sobre **Maria**, mulher dócil à voz do Espírito, mulher do silêncio e da escuta, mulher da esperança.

"O grande jubileu do 2º milênio terá um caráter pneumatológico"

B. 3 - Terceiro ano, 1999: Deus Pai (nn. 49-54)

Dilatar o horizonte cristão na mesma perspectiva de Cristo, a perspectiva do *Pai que está nos céus* (Mt 5,45). Toda a vida cristã é uma peregrinação rumo ao Pai, do qual se descobre o amor incondicionado para com todos, de modo especial para com o filho perdido (cf. Lc 15,11-32). Assim, o grande Jubileu, centrado na figura do Cristo, se transforma num ato de louvor ao Pai.

Conteúdo: na adesão a Cristo, encetar um caminho de conversão nos dois aspectos: o negativo (libertação do pecado) e o positivo (escolha do bem). O sacramento é o da **Penitência** no seu significado mais profundo. A virtude teologal é a **Caridade**: *Deus é amor* (cf 1Jo 4,8.16).

Na ação cristã, acentuar a opção preferencial da Igreja pelos pobres e marginalizados. No espírito do Levítico, celebrar um verdadeiro Jubileu: os cristãos, sendo a voz de todos os pobres do mundo, consigam uma redução - ou mesmo, um perdão total - das dívidas externas (!). Meditar, também, sobre os grandes desafios do diálogo das culturas, do respeito aos direitos da mulher e a promoção da família e do matrimônio.

Dois empenhos importantes: o confronto com o secularismo e o diálogo com as grandes religiões. Promover encontros comuns nos lugares significativos para as grandes religiões monoteístas, como em Belém, Jerusalém e no Sinai.

E não esquecer **Maria** como exemplo de amor ao Pai e ao próximo, a *serva do Senhor*. Meditar sobre o Magnificat.

C. As celebrações no ano 2000

A celebração do grande Jubileu acontecerá simultaneamente na Terra Santa, em Roma e nas igrejas locais do mundo inteiro. Nesta fase celebrativa, o objetivo será a **glorificação da Trindade**, à qual se dirigiram os três anos da preparação.

Sendo Cristo o único caminho que leva ao Pai (cf Jo 14,6), será celebrado em Roma o *Congresso Eucarístico Internacional*. O ano 2000 será o ano da **Eucaristia**, através da qual Cristo encarnado continua a oferecer-se a humanidade.

A dimensão ecumênica e universal do Jubileu será evidenciada com um *Encontro pan-cristão*. Acontecerá em fraterna colaboração com os cristãos de outras confissões e tradições, e também estará aberto aquelas religiões cujos representantes quisessem expressar sua atenção à alegria dos discípulos de Cristo.

5. Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre (nn. 56-59)

A Igreja dura há 2000 anos. Segundo o Concílio, *todos os homens são chamados a esta católica unidade do povo de Deus* (Lumen Gentium, 13). Tudo está sob Cristo: o passado, o presente e o futuro. Desde os tempos apostólicos continua sem interrupção a missão da Igreja no interior de toda a família humana. Aqui o Papa traça um breve resumo da atividade missionária, dos tempos apostólicos às novas igrejas deste século.

A Igreja crê encontrar, no seu Senhor e Mestre, *a chave, o centro e o fim do homem e de toda a história humana* (Gaudium et Spes, 10).

CONCLUSÃO: O PAPA JOÃO PAULO II DESAFIA A HISTÓRIA

O Papa é dominado por uma ânsia missionária e tem pressa pela unidade. Para ele, a revisão da história é necessária para o anúncio legítimo do ano 2000. As objeções dos Cardeais são compreensíveis, mas brotam de quem não tem a mesma ânsia missionária. WOJTYLA levará adiante seu propósito. Segundo L. ACCATTOLI, ele não nomeará comissões nem entregará a missão a algum mecanismo curial ou colegial. Caminhará quase sozinho, porque tem pressa: o ano 2000 está perto e ele estará com 80 anos. Não pensa em comissões: deseja um exame complexo das sombras deste milênio, partindo do ensinamento do Vaticano II.

Parte desse exame histórico já foi feita nos seus 17 anos de pontificado, nos múltiplos encontros que realizou durante suas viagens. Foram viagens de perdão, de reconciliação. Segundo A. MONTICONE, *nesse pedido de perdão a todos se encontra a chave principal das viagens de João Paulo II*. Veja-se: falou de responsabilidades recíprocas em Casablanca (Islam) e em Viena (guerras de religião); pediu perdão pela participação dos cristãos no tráfico negreiro em Yaoundé (Camerun) e em Goré (Senegal); reconheceu as injustiças praticadas contra os ameríndios, em Santo Domingo e contra os hebreus, na Sinagoga de Roma; pelos erros da Inquisição, na Espanha; prestou homenagem a Jan HUSS, em Praga, a LUTERO, em Mainz, e a GALILEU, em Pisa. Deseja agora um ato de penitência comum que resumisse os esparsos pedidos de perdão e servisse de passaporte à Igreja para o Terceiro Milênio.

Apenas eleito Papa, o Cardeal WYSZYNSKI lhe disse: *Tu deves introduzir a Igreja no Terceiro Milênio*.

Se seus projetos acarretassem qualquer violência contra a história, não seria o fim do mundo: JOÃO PAULO II é um Papa missionário, não um Papa humanista.

Florianópolis, ITESC, 1º de março de 1995

* Texto da Aula Inaugural do 1º semestre do 23o. ano acadêmico do ITESC, proferida pelo Autor na data acima.

Endereço do Autor:

*Catedral Metropolitana
Casa Paroquial
rua Arcipreste Paiva, 70
88010-530 FLORIANÓPOLIS, SC*